

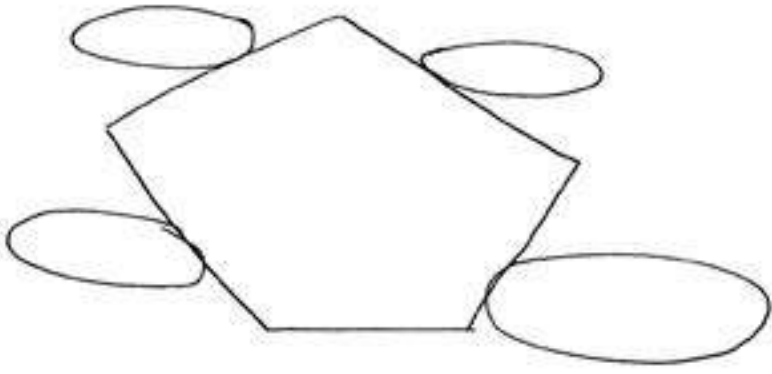
ALFAGUARA



Michel Houellebecq Aniquilação

Tradução de José Mário Silva

UM



(σ_h v m u s ,) C a n d u r g e t
C a d d u r g u a e p a n e l a m i v a n d u r g e
N e a r h a q a h i n g a u m
Σ_g = C₂ v z p o e r

Em certas segundas-feiras do fim de novembro, ou do início de dezembro, sobretudo quando somos solteiros, acontece sentirmo-nos no corredor da morte. As férias estivais já lá vão, o novo ano ainda demora a chegar; há uma estranha proximidade do vazio.

Numa segunda-feira, 23 de novembro, Bastien Douremont decidiu ir de metro para o trabalho. Ao descer à estação da Porte de Clichy, encontrou-se diante da inscrição sobre a qual lhe haviam falado vários colegas nos dias anteriores. Passava pouco das dez da manhã; a plataforma estava deserta.

O seu interesse pelos grafitis do metro parisiense vinha da adolescência. Habitara-se a fotografá-los com o seu *iPhone* obsoleto — o telemóvel já devia ir na geração 23, e ele parara na 11. Organizava e arrumava as imagens por estações e linhas, em diversas pastas guardadas no computador. Era um *hobby*, se quisermos, mas ele preferia a expressão, em princípio mais suave, mas no fundo mais brutal, «passatempo». Nem de propósito, um dos seus grafitis preferidos era uma inscrição em letra inclinada, mas precisa, que descobrira a meio de um longo corredor branco da estação da Place d'Italie, e que proclamava energicamente: «O tempo não passará!»

Os cartazes da operação «Poesia RATP¹», com o seu estendal de parvoíces frouxas, que em tempos submergiram o conjunto das estações parisienses, até se espalharem noutros ramais, por capilaridade, haviam suscitado nos passageiros múltiplas reações de cólera extrema. Bastien pudera assim fotografar, na estação Victor Hugo, esta frase sobreposta às outras: «Reivindico o título honorífico de rei de Israel. Não posso fazer outra coisa.» Na estação Voltaire, a inscrição era mais brutal e angustiada: «Mensagem definitiva para todos os telepatas, para todos os Stéphanes que quiseram perturbar a minha vida: a resposta é NÃO!»

A frase da estação da Porte de Clichy não era propriamente um grafiti: em letras espessas, enormes, dois metros de altura, traçadas com tinta negra, estendia-se a todo o comprimento da plataforma, na direção Gabriel Péri-Asnières-Gennevilliers. Mesmo passando para a plataforma do outro lado, ele não a conseguira enquadrar completamente, mas pudera ler o que dizia na íntegra: «Vestígios de monopólios/ no coração da metrópole». Isto não era nada de muito inquietante, nem sequer de muito explícito; mas enquadrava-se no tipo de coisas que podiam despertar o interesse da DGSI², num plano idêntico àquelas comunicações misteriosas, obscuramente ameaçadoras, que vinham invadindo o espaço público nos últimos anos, sem poderem ser atribuídas a nenhum grupúsculo político claramente identificado. As mensagens na Internet, que ele por ora estava encarregado de explicar,

¹ Régie Autonome des Transports Parisiens, a empresa que assegura os transportes públicos em Paris e arredores. (*N. do T.*)

² Direction Générale de la Sécurité Intérieure, serviço de informações integrado no Ministério do Interior francês. (*N. do T.*)

eram o exemplo mais aparatoso e o mais alarmante dessa tendência recente.

No escritório encontrou o parecer do laboratório de lexicologia, que chegara na primeira ronda da manhã. O exame feito pelo laboratório às mensagens da Internet já verificadas permitira isolar 53 letras — caracteres alfabéticos, e não ideogramas; os espaçamentos tinham permitido ainda repartir essas letras em palavras. Os técnicos dedicaram-se de seguida a estabelecer uma função bijetiva com um alfabeto existente, e usaram o francês na primeira tentativa. Inesperadamente, havia uma correspondência possível: se juntássemos, às 26 letras de base, os caracteres acentuados ou aqueles com uma ligatura ou uma cedilha, chegávamos a 42 signos. Além disso, era costume considerar 11 sinais de pontuação, o que perfazia um total de 53 signos. Os especialistas enfrentavam, por isso, um problema clássico de descodificação, que consistia neste caso em encontrar uma correspondência biunívoca entre os caracteres das mensagens e os do alfabeto francês. Ao fim de duas semanas de esforços, porém, viram-se num impasse total: não fora estabelecida nenhuma correspondência por qualquer dos sistemas de codificação de que tinham conhecimento. Desde a criação do laboratório, era a primeira vez que isto acontecia. Difundir na Internet mensagens que, na prática, eram ilegíveis não fazia qualquer sentido. Teriam forçosamente de existir destinatários. Mas quem?

Bastien levantou-se, preparou um café expresso e foi até à grande janela, com a chávena na mão. Uma luminosidade ofuscante reverberava nas paredes do tribunal de grande instância, mesmo em frente. Nunca encontrara

qualquer mérito estético particular naquela justaposição desestruturada de paralelepípedos gigantescos, em vidro e aço, que dominava uma paisagem lamacenta e sombria. De qualquer modo, o objetivo de quem criara a estrutura não era a beleza, nem mesmo um efeito agradável, mas antes a exibição de uma capacidade técnica — como que tratando-se, acima de tudo, de impressionar eventuais extraterrestres. Não chegara a conhecer os edifícios históricos do Quai des Orfèvres, número 36, e por isso, ao contrário dos colegas mais velhos, não sentia a correspondente nostalgia; mas era preciso reconhecer que o bairro da «nova Clichy» evoluía cada vez mais para o desastre urbano puro e simples; o centro comercial, os cafés e os restaurantes, previstos no plano de ordenamento inicial, nunca se materializaram, e uma pessoa poder descontraír fora do trabalho, durante o dia, tornara-se algo de quase impossível nas novas instalações. Por outro lado, era fácil descobrir um lugar para estacionar.

Cinquenta metros mais abaixo, um *Aston Martin* DB11 entrou no parque de estacionamento reservado aos visitantes; Fred acabara de chegar. Esta fidelidade aos encantos obsoletos do motor de explosão — passava por vezes minutos inteiros dentro do carro, a pensar sabe-se lá em quê, embalado pelo ronronar do V12 — era um traço bizarro num *geek* como Fred, que deveria, pela lógica, ter comprado um *Tesla*. Lá acabou por sair do automóvel, fechando a porta com força. Tendo em conta os procedimentos de segurança à entrada, não demoraria mais de dez minutos. Bastien contava que Fred lhe trouxesse informações novas; na verdade, depositava nele a sua última esperança de apresentar um avanço qualquer na próxima reunião dedicada às mensagens misteriosas.

Sete anos antes, quando os dois foram contratados pela DGSI — recebendo um salário mais do que razoável, sendo jovens sem diploma e sem o mínimo de experiência profissional —, a entrevista de emprego resumira-se a demonstrarem as suas capacidades de intrusão em diferentes *sites* da Internet. Diante de quinze agentes da BEFTI³, e de outros serviços técnicos do Ministério do Interior, reunidos para a ocasião, eles explicaram como, uma vez entrados no registo nacional para a identificação de pessoas físicas, conseguiam com um simples clique desativar ou reativar um cartão Vitale⁴; e como faziam para penetrar no portal das Finanças, onde com facilidade modificavam os montantes dos rendimentos declarados. Chegaram mesmo a explicar-lhes — um procedimento mais complexo, porque os códigos eram alterados regularmente — como modificar ou destruir um determinado perfil de ADN dentro do sistema da FNAEG, o arquivo nacional dos registos genéticos, mesmo no caso de um indivíduo que já tivesse sido condenado. A única coisa que preferiram omitir foi a sua incursão no *site* da central nuclear de Chooz. Durante quarenta e oito horas, assumiram o controlo do sistema, e poderiam ter desencadeado o procedimento para parar o reator — privando assim de eletricidade vários departamentos franceses. Não poderiam, contudo, provocar um incidente nuclear de grande escala — faltar-lhes-ia, para penetrarem no coração do reator, uma chave de codificação de 4096 *bits*, que ainda não haviam decifrado. Fred

³ Brigade d'Enquêtes sur les Fraudes aux Technologies de l'Information, uma brigada da polícia judiciária que investiga fraudes relacionadas com as tecnologias de informação, nomeadamente ataques informáticos. (*N. do T.*)

⁴ Cartão do seguro de saúde que permite o acesso ao sistema nacional de saúde francês. (*N. do T.*)

tinha um programa novo de descodificação e até sentiu a tentação de o ativar; mas, de comum acordo, decidiram nesse dia que talvez tivessem ido longe demais; voltaram a sair, apagando todos os sinais da sua intrusão, e nunca mais falaram do assunto — nem a outras pessoas, nem sequer entre eles. Nessa noite, Bastien teve um pesadelo em que era perseguido por quimeras monstruosas, compostas por partes de recém-nascidos putrefactos; no fim do sonho, apareceu-lhe o coração do reator. Deixaram passar uns dias antes de voltarem a ver-se, sem sequer se telefonarem, e foi sem dúvida a partir desse momento que ponderaram, pela primeira vez, colocarem-se ao serviço do Estado. Para eles, cujos heróis de juventude tinham sido Julian Assange e Edward Snowden, colaborar com as autoridades era tudo menos evidente, mas o contexto em meados dos anos 2010 era particular: a população francesa, na sequência de vários atentados islamistas sangrentos, começou a apoiar, e até a demonstrar uma certa afeição pela polícia e pelo exército.

Fred, entretanto, não renovara o seu contrato com a DGSi ao fim do primeiro ano; foi-se embora para criar a *Distorted Visions*, uma empresa que fornece efeitos especiais digitais e imagens de síntese. No fundo, Fred, ao contrário de Bastien, nunca fora verdadeiramente um *hacker*; nunca sentira verdadeiramente o prazer, de alguma maneira análogo ao de um *slalom* gigante, que o outro experimentava ao contornar uma sucessão de *firewalls*, nem a embriaguez megalómana que invadia Doutremont sempre que lançava um ataque com recurso à força bruta, mobilizando milhares de computadores *zombies*, a fim de descodificar uma chave particularmente retorcida. Fred, como o seu mestre Julian Assange, era acima de tudo um programador nato, capaz de dominar em poucos dias as linguagens mais sofisticadas que

iam aparecendo incessantemente no mercado — e utilizara essa aptidão para escrever algoritmos que geravam formas e texturas totalmente inovadoras. Fala-se muitas vezes da excelência francesa no domínio da indústria aeronáutica e espacial, mas é mais raro mencionar o campo dos efeitos digitais. A empresa de Fred tinha como clientes regulares as maiores produtoras cinematográficas de Hollywood; cinco anos após a sua criação, alcançara já o terceiro lugar no *ranking* mundial da sua área.

Assim que Fred entrou no gabinete, deixando-se cair num cadeirão, Doutremont compreendeu logo que as notícias eram más.

— Na verdade, Bastien, o que tenho para te dizer não te vai agradar — confirmou Fred. — Bem, vou já falar-te da primeira mensagem. Sei que não é aquela que vos interessa; mas, ainda assim, o vídeo é curioso.

A primeira janela de *pop-up* passara despercebida à DGSI; na prática, ela parasitara *sites* para a compra de bilhetes de avião e reservas de hotéis *online*. A exemplo das duas seguintes, esta mensagem era composta por uma justaposição de pentágonos, de círculos e de linhas de texto no tal alfabeto irreconhecível. Quando se clicava fosse onde fosse no interior da janela, iniciava-se a sequência. A vista obtida a partir de um ponto elevado, ou de um aeróstato em voo estacionário, era um plano fixo de uma dezena de minutos. Uma imensa pradaria de ervas altas estendia-se até ao horizonte, sob um céu de uma limpidez perfeita — a paisagem evocava certos estados do Oeste americano. Sob a ação do vento, formavam-se imensas linhas retilíneas na superfície coberta de erva; depois, estas linhas cruzavam-se, desenhando triângulos e polígonos. Tudo se acalmava,

a superfície voltava a ficar parada, a perder de vista; depois o vento soprava de novo, os polígonos destacavam-se outra vez, quadriculando lentamente a planície, até ao infinito. Era muito belo, mas não suscitava qualquer inquietação particular; o ruído do vento não fora acrescentado, a geometria do conjunto revolvia-se num silêncio total.

— Nos últimos tempos, fizemos bastantes cenas de tempestades no mar para filmes de guerra — disse Fred. — Um prado desta dimensão é modelado mais ou menos como um plano de água de dimensão equivalente; não o oceano, provavelmente um grande lago. E o que te posso dizer, com um grande grau de certeza, é que as figuras geométricas que se formam neste vídeo são impossíveis. Era necessário supor que o vento sopra ao mesmo tempo de três direções diferentes, e, nalguns momentos, de quatro. Logo, não me restam dúvidas: estamos perante imagens de síntese. Mas o que me coloca um verdadeiro problema é outra coisa: mesmo que ampliemos muito a imagem, mesmo se a ampliarmos as vezes que quisermos, as hastes de erva sintéticas continuam a ser absolutamente semelhantes a hastes de erva verdadeiras; e isso, normalmente, não é possível. Não há duas hastes de erva iguais na natureza; todas têm irregularidades, pequenos defeitos, uma assinatura genética específica. Ampliámos mil, escolhendo-as de forma aleatória na imagem: verificámos que eram todas diferentes. Seria capaz de apostar que a totalidade das hastes de erva presentes no vídeo, milhões e milhões delas, são diferentes umas das outras; o que é alucinante, é um trabalho de loucos; talvez conseguíssemos algo assim na *Distorted*, mas, para uma sequência com esta duração, o tempo de cálculo nunca seria inferior a vários meses.

No segundo vídeo, Bruno Juge, o ministro da Economia e das Finanças — que, desde o início do mandato de cinco anos, era igualmente ministro do Orçamento —, estava de pé, com as mãos amarradas atrás das costas, no meio de um jardim de tamanho médio, provavelmente nas traseiras de uma vivenda. A paisagem em redor, com várias elevações, fazia lembrar a região da Suisse Normande, na Normandia, e devia ser verdejante na primavera, mas as árvores apresentavam-se agora despidas, sugerindo que a gravação fora feita provavelmente no fim do outono ou no início do inverno. O ministro estava mal agasalhado, com umas calças escuras e uma camisa branca de manga curta, sem gravata — o frio fazia-lhe pele de galinha.

No plano seguinte, vestia uma capa preta, comprida, e envergava um capirote, também preto, à maneira dos penitentes da Semana Santa, em Sevilha. Este tipo de cobertura para a cabeça, de forma pontiaguda, foi em tempos usado, como sinal de humilhação pública, pelos condenados à morte nos processos da Inquisição. Dois homens vestidos da mesma maneira — com buracos nos capirotos ao nível dos olhos — pegavam nele por baixo dos braços, arrastando-o.

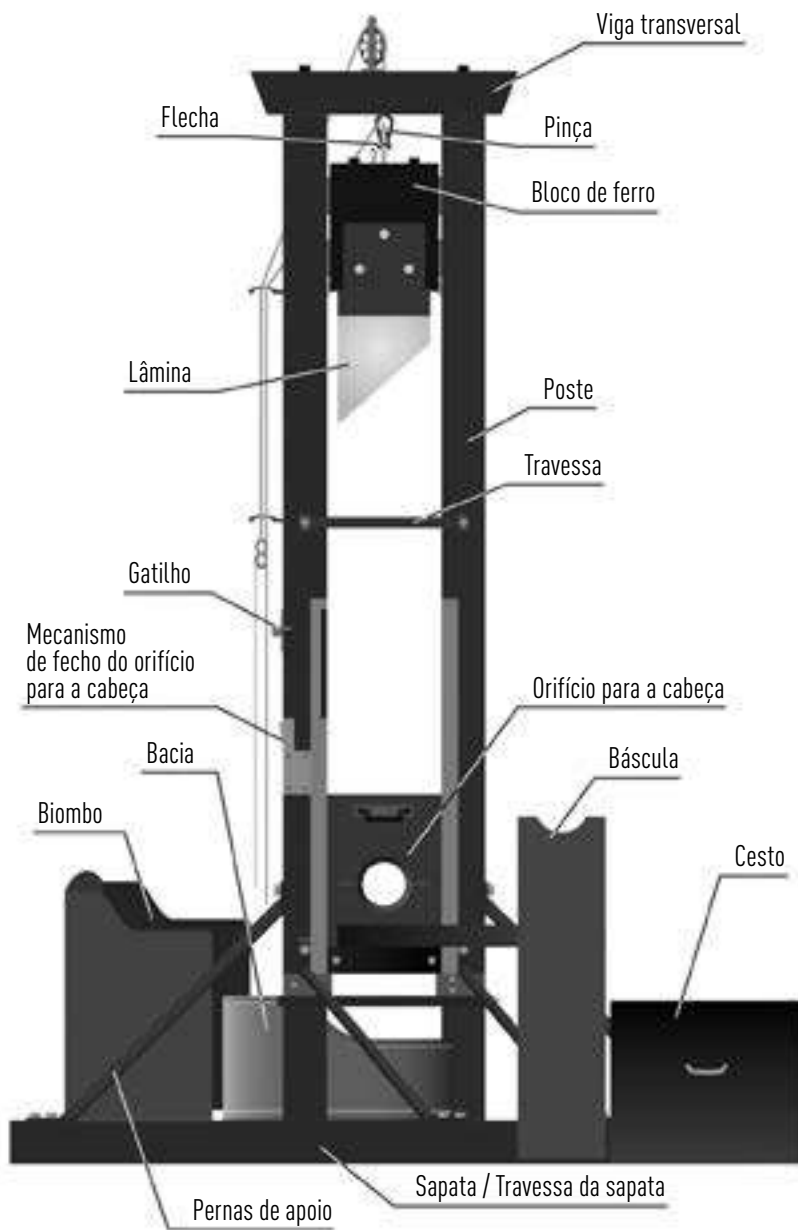
Chegados ao fundo do jardim, retiraram brutalmente o capuz ao ministro, que piscou os olhos várias vezes para

se habituar à luminosidade. Encontravam-se junto a uma pequena elevação coberta de erva, no cimo da qual se erguia uma guilhotina. Ao aperceber-se do instrumento, o rosto de Bruno Juge não transparecia receio, apenas uma ligeira surpresa.

Enquanto um dos dois homens o obrigava a ajoelhar-se, colocando-lhe a cabeça no respetivo orifício e acionando depois o mecanismo de fecho, o outro montava o cutelo de gume oblíquo no bloco, uma massa pesada de ferro fundido, destinada a estabilizar a queda da lâmina. Com a ajuda de uma corda e de uma roldana, fizeram subir o dispositivo composto pelo bloco de ferro e pela lâmina afiada, até que este bateu na viga transversal do topo. Aos poucos, Bruno Juge parecia ser invadido por uma grande tristeza, mas uma tristeza que era mais de ordem geral.

Após alguns momentos, durante os quais se via o ministro fechar brevemente os olhos, para depois os reabrir, um dos homens acionava o gatilho. A lâmina descia em dois ou três segundos, a cabeça era cortada de um só golpe, um jorro de sangue caía na bacia, enquanto a cabeça rolava pelo declive coberto de erva até se imobilizar diante da câmara, a poucos centímetros da objetiva. Os olhos do ministro, muito abertos, refletiam agora uma imensa surpresa.

A janela de *pop-up* e o vídeo associado tinham invadido os *sites* de informação administrativa, como www.impots.gouv.fr ou www.servicepublic.fr. Bruno Juge começou por falar disto ao seu colega do Ministério do Interior, e foi este que alertou a DGSI. Informaram de seguida o primeiro-ministro e o assunto chegou rapidamente ao Presidente. Nenhuma declaração oficial foi feita à imprensa. Até ao momento, todas as tentativas de eliminar o vídeo haviam



falhado — a janela reaparecia, publicada a partir de um endereço de IP diferente, ao fim de poucas horas, por vezes ao fim de poucos minutos.

— Este vídeo — retomou Fred —, posso garantir-te que o analisámos durante horas, ampliámo-lo ao máximo, sobretudo o plano do tronco decapitado, no momento em que o sangue jorra da carótida. Normalmente, se ampliases o suficiente, comesças a aperceber-te de regularidades geométricas, de microfiguras artificiais. Na maior parte dos casos, dá até para adivinhar a equação a que o programador recorreu. Neste caso, nada disso: podes aumentar à vontade, aquilo continua a ser caótico, irregular, exatamente como num golpe a sério, real. Fiquei tão intrigado que liguei para o Bustamante, o patrão da Digital Commando.

— Mas esses são os vossos concorrentes, não são?

— Sim, acho que se pode dizer isso, mas entendemo-nos bem, já aconteceu trabalharmos juntos em alguns filmes. Não coincidimos exatamente nos nossos domínios de excelência: nós somos melhores nas arquiteturas imaginárias, na criação de multidões virtuais, etc.; enquanto eles são mais fortes em tudo o que diz respeito a efeitos especiais sanguinolentos, monstros orgânicos, mutilações, decapitações. Pois bem, o Bustamante ficou tão boquiaberto quanto eu: não conseguia entender de todo como é que aquilo poderia ter sido feito. Se tivéssemos de depor em tribunal, sob juramento, e obviamente se não se tratasse de um ministro, mas de um badameco qualquer, acho que garantiríamos a pés juntos que se tratava de uma verdadeira decapitação...

Seguiu-se um longo silêncio. Bastien dirigiu o olhar para a grande janela, deixou-o pousar novamente sobre os enormes paralelepípedos de vidro e aço, em frente.

O edifício era efetivamente impressionante, e até um pouco assustador em certas condições de luz; mas talvez haja necessidade, para um tribunal de grande instância, dessa capacidade de inspirar o terror nas populações.

— O terceiro vídeo... enfim, tu também o viste — continuou Fred. — É um longo plano com a câmara à mão, nos túneis ferroviários. Uma cena marada, com as cores a puxarem para o amarelo. Na banda sonora, música industrial clássica. É uma imagem de síntese, claro, não existem vias-férreas com dez metros de largura, nem locomotivas com cinquenta metros de altura. Está bem feito, mesmo muito bem feito, é excelente como imagem de síntese, embora menos impressionante do que os outros dois vídeos. Na *Distorted* conseguíamos fazer uma coisa assim. Seriam uma ou duas semanas de trabalho, digo eu.

Bastien olhou de novo para Fred.

— O que nos preocupa na terceira mensagem não é o seu conteúdo, é o modo como foi difundida. Desta vez, não atacaram um *site* administrativo, escolheram como alvo a Google e o Facebook; entidades que têm, em princípio, meios para se defenderem. E o que mais me espanta é a violência e a velocidade do ataque. Em minha opinião, numa estimativa por baixo, o sistema de *bots* deles controla cem milhões de máquinas *zombies*.

Fred deu um pulo. Um tal número parecia-lhe impossível, por exceder em muito as ordens de grandeza de que tinha conhecimento.

— Eu sei — prosseguiu Bastien —, mas as coisas mudaram, e num certo sentido tornaram-se mais fáceis para os piratas. As pessoas continuam a comprar um computador por hábito e só se ligam à *net* através do *smartphone*, mas deixam o computador ligado. Neste momento, no mundo

inteiro, tens centenas de milhões, talvez até milhares de milhões de máquinas adormecidas, à espera de serem controladas por um *bot*.

— Lamento não poder ajudar-te, Bastien.

— Já me ajudaste. Tenho reunião às sete da tarde com o Paul Raison, o tipo do Ministério da Economia. Ele pertence ao gabinete do ministro, é o meu homólogo neste dossiê. Agora sei o que devo dizer-lhe. Um: estamos perante um ataque perpetrado por desconhecidos. Dois: eles conseguem utilizar efeitos digitais considerados impossíveis pelos melhores especialistas na área. Três: a potência de cálculo que conseguem mobilizar é extraordinária, ultrapassando tudo o que conhecíamos até agora. Quatro: as suas motivações são uma incógnita.

Caiu um novo silêncio entre os dois.

— Como é que ele é, esse Raison? — perguntou Fred, por fim.

— É um gajo em quem se pode confiar. Sério, austero, um bocadinho chato, mas razoável. Parece que é bem conhecido na DGSI; as pessoas ainda se lembram do pai dele, Édouard Raison. Um homem da casa, que começou nos antigos Serviços de Informações, há quase quarenta anos. Era respeitado; teve em mãos grandes casos, situações ao mais alto nível, das que implicam diretamente a segurança nacional. Em suma, o filho não é um corpo estranho. Por muito que tenha seguido o percurso habitual, da Escola Nacional de Administração à Inspeção de Finanças, ele conhece a natureza particular do nosso trabalho e, *a priori*, não nos é hostil.

O céu está baixo, cinzento, compacto. A luz não parece vir de cima, mas do manto de neve que cobre o solo; e vai ficando inexoravelmente mais fraca, indicação de que a noite cai. Placas de geada cristalizam-se, os ramos das árvores parecem estaladiços. Flocos de neve revolteiam no meio das pessoas que se cruzam sem se verem, rostos endurecidos, com rugas, pequenos pontos de luz tresloucados dançando nos seus olhos. Alguns regressam a casa, mas antes de lá chegarem compreendem que os seus entes queridos vão morrer, ou provavelmente já estão mortos. Paul tem consciência de que o planeta está em vias de morrer de frio; algo que não passa de uma hipótese, mas que cada vez mais se transforma numa certeza. O Governo já não existe, pôs-se em fuga, ou desapareceu por ação própria, é difícil dizer. Paul, de seguida, está num comboio, decidiu passar pela Polónia, mas a morte instala-se nas carruagens, mesmo se as respetivas paredes foram reforçadas com espessas camadas de isolamento. Compreende então que não há ninguém a conduzir o comboio, que prossegue a toda a velocidade numa planície deserta. A temperatura continua a baixar: quarenta graus negativos, cinquenta graus negativos, sessenta graus negativos...

*

Foi o frio que arrancou Paul do sonho, era meia-noite e vinte e sete. Todos os dias, desligavam o aquecimento às 21h00 nos gabinetes do ministério, o que até era uma hora tardia, uma vez que na maior parte dos serviços administrativos as pessoas deixam os seus postos de trabalho muito mais cedo. Ele devia ter adormecido no sofá do gabinete pouco depois de o tipo da DGSi se ter ido embora. Este mostrara-se preocupado, pessoalmente preocupado, com o que lhe poderia acontecer — como se Paul ponderasse queixar-se dele à hierarquia, pedir que o afastassem do inquérito ou qualquer coisa desse género; nada que ele tencionasse fazer. De qualquer modo, a partir do terceiro vídeo, o caso alcançara uma dimensão mundial. Desta vez, a Google era diretamente visada: a maior empresa do planeta, que trabalhava de mão dada com a NSA⁵. A DGSi talvez fosse posta ao corrente dos primeiros resultados, por cortesia, e porque o caso, inexplicavelmente, afetara no início um ministro francês; mas os americanos dispunham de meios de investigação sem paralelo com os dos seus homólogos franceses, pelo que iriam muito em breve tomar o controlo total deste dossiê. A decisão de punir este tipo da DGSi não seria apenas injusta, mas também estúpida: já não estávamos no tempo do seu pai, quando as ameaças ainda eram locais; os perigos adquiriam agora, quase de imediato, uma dimensão global.

Entretanto, Paul tinha fome. Iria resolver o assunto em casa, era melhor assim, disse para consigo, antes de se lembrar de que não tinha nada para comer, ou seja, que a sua prateleira do frigorífico estaria desesperadamente vazia,

⁵ National Security Agency, a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América, que faz parte do Departamento de Defesa norte-americano. (*N. do T.*)

e que a própria noção de «em casa» sugeria um otimismo pouco razoável.

Era sem dúvida a partilha do frigorífico que simbolizava melhor a degenerescência do casal. Quando Paul, jovem funcionário da Direção do Orçamento, encontrara pela primeira vez Prudence, jovem funcionária da Direção do Tesouro, passara-se qualquer coisa, inegavelmente, desde os primeiros minutos; talvez não desde os primeiros segundos, a expressão «amor à primeira vista» seria um exagero, mas não demorou mais do que uns minutos, certamente menos de cinco; na verdade, mais ou menos o tempo que dura uma canção. O pai de Prudence fora na sua juventude fã de John Lennon, era daí que vinha o seu nome, revelou-lhe ela umas semanas mais tarde. *Dear Prudence* não era decerto a melhor canção dos Beatles, e, em termos gerais, Paul Raison não considerava que o álbum branco fosse o ponto alto da carreira da banda. Em todo o caso, nunca conseguiu chamar Prudence pelo primeiro nome; nos momentos de maior ternura, dizia «minha querida», ou por vezes «meu amor».

Durante a vida em comum, ela nunca cozinhou, pois não considerava que fosse uma atividade digna do seu estatuto. Formara-se na Escola Nacional de Administração, como Paul. Era inspetora das Finanças, como Paul. E, realmente, ver uma inspetora das Finanças de volta de tachos e panelas tinha qualquer coisa de deslocado. Eram ambos tão pouco aptos a sorrir de forma agradável, ou a falar com desembaraço sobre temas ligeiros, em suma, a seduzir, que, provavelmente, a concordância sobre a taxa-ção de mais-valias foi o que abriu as portas ao seu idílio, no decurso de intermináveis reuniões organizadas pela Direção da Legislação Fiscal, até muito tarde, noite fora, quase sempre na sala B87. Tiveram desde logo uma boa

compatibilidade sexual, embora sem grandes momentos de êxtase, mas a maior parte dos casais não pede tanto, a simples existência de atividade sexual de algum tipo numa relação conjugal já pode ser considerada um verdadeiro sucesso, é a exceção muito mais do que a regra, a maioria das pessoas bem informadas (jornalistas das revistas femininas de referência, autores de romances realistas) dão disso testemunho, e não apenas no caso das pessoas já com uma certa idade, como Paul e Prudence, que se aproximavam dos 50 anos, já que para os mais jovens dos seus contemporâneos a própria ideia de uma relação sexual entre dois indivíduos autónomos, que se prolongue para além de alguns minutos, surgia cada vez mais como uma fantasia datada, e a todos os títulos lamentável.

Por outro lado, a discórdia alimentar entre Prudence e Paul manifestara-se cedo. Durante os primeiros anos, movida pelo amor, ou por um sentimento semelhante, Prudence assegurara ao parceiro uma alimentação conforme aos seus gostos, por muito que lhe parecessem de um conservadorismo atroz. Ela podia não cozinhar, mas encarregava-se das compras, e sentia orgulho em escolher para Paul os melhores bifos, os melhores queijos, a melhor charcutaria. Estes produtos próprios de carnívoros misturavam-se então nas prateleiras do frigorífico comum, num amoroso caos, com fruta, cereais e leguminosas, tudo biológico, que faziam parte da dieta de Prudence.

A mutação vegana, que se manifestou nela a partir de 2015, no preciso momento em que a palavra surgiu pela primeira vez no dicionário *Petit Robert*, iria desencadear uma guerra alimentar total, cujas sequelas ainda persistiam, onze anos mais tarde, e à qual o casal teria agora poucas hipóteses de sobreviver.

O primeiro ataque de Prudence foi avassalador, absoluto, decisivo. Ao regressar de Marraquexe, onde fora assistir com o ministro da época a um congresso da União Africana, Paul teve a surpresa de ver o frigorífico invadido, para além da fruta e dos legumes habituais, por uma variedade imensa de alimentos estranhos, entre os quais algas, soja germinada e muitos pratos cozinhados da marca *Biozone*, misturando tofu, bulgur, quinoa, espelta e talharim japonês. Nada daquilo lhe parecia minimamente comestível, e disse-o a Prudence com uma certa acrimónia («Só por carias; não há nada de jeito para comer», foram as suas palavras exatas). Seguiu-se uma negociação breve mas intensa, no seguimento da qual Paul se viu restringido a uma prateleira do frigorífico, onde poderia acumular a sua «paparoca de papalvo», segundo a expressão de Prudence — paparoca que teria de comprar ele mesmo, com o seu dinheiro (eles mantinham contas bancárias separadas, um detalhe com a sua importância).

Durante as primeiras semanas, Paul tentou algumas escaramuças; todas repelidas com vigor. Quaisquer fatias de queijo Saint-Nectaire ou de *pâté en croûte* que ele colocasse no meio do tofu e da quinoa de Prudence, viam-se remetidas em poucas horas à sua prateleira de origem, quando não eram pura e simplesmente atiradas para o lixo.

Uma dezena de anos mais tarde, tudo se acalmara, pelo menos exteriormente. No plano alimentar, Paul contentava-se com a sua pequena prateleira, que enchia rapidamente, tendo pouco a pouco renunciado ao consumo de produtos artesanais para se contentar com a fórmula, artificial em termos nutritivos, mas com garantia de uma distribuição fiável, dos pratos pré-cozinhados que basta aquecer no micro-ondas. «Alguma coisa temos de comer»,

repetia ele, resignado, diante da sua *tajine* de aves de capoeira *gourmet* comprada no supermercado, alcançando assim uma forma de epicurismo melancólico. As aves de capoeira provinham «de diferentes países da União Europeia»; menos mal, dizia para si mesmo, frangos brasileiros é que não. Pequenos seres apareciam-lhe agora, cada vez com maior frequência, durante a noite; agitavam-se com rapidez, pele escura, braços numerosos.

Desde o início da crise, Paul e Prudence dormiam em quartos separados. Voltar a dormir sozinho é difícil quando se perdeu o hábito, temos frio e temos medo; mas eles já tinham ultrapassado há muito essa fase penosa; estavam agora entregues a uma espécie de desespero padronizado.

O declínio do casal começara pouco depois da aquisição, com recurso a um empréstimo que endividou os dois para os próximos vinte anos, de um apartamento na Rue Lheureux, nas proximidades do parque de Bercy — um esplêndido duplex com dois quartos e uma sala de estar magnífica, cujos janelões davam para o jardim. A coincidência não foi um acaso. A melhoria das condições de vida acompanha muitas vezes a deterioração das razões para viver, e em particular das razões para viver com outra pessoa. O bairro era «mais do que maravilhoso», nas palavras de Indy, a cunhada idiota, quando os visitou na primavera de 2017, com Aurélien, o infeliz irmão mais novo de Paul. Esta visita foi felizmente a única, porque a tentação de a estrangular era tão grande que duvidava do seu autocontrole, caso voltasse a estar com ela.

O bairro era maravilhoso, sim, nisso Indy não se enganara. O quarto deles, no tempo em que partilhavam o mesmo quarto, dava para o Museu das Artes Populares, Avenue des Terroirs-de-France. A cinquenta metros,

a Rue de la Cour Saint-Émilion, atravessando de um lado ao outro o quadrilátero urbano conhecido como «Bercy Village», estava sempre invadida, de inverno ou de verão, por balões de todas as cores, à porta dos muitos restaurantes regionais e pequenos cafés alternativos. Ali, em querendo, era possível reinventar o espírito da infância. O parque propriamente dito testemunhava o mesmo impulso de desordem lúdica: pretendeu-se dar prioridade ao cultivo de vegetais, e um pavilhão gerido pela autarquia propunha aos residentes do bairro oficinas de jardinagem (eis o *slogan* que decorava a fachada: «Já se pode fazer jardinagem em Paris!»).

O bairro situava-se — e era este o argumento principal, concreto, sólido — a meros quinze minutos a pé do ministério. Passavam agora quarenta e dois minutos da meia-noite — esta reflexão, mesmo cobrindo o essencial da vida adulta, não durara mais do que um quarto de hora. Se saísse naquele momento, estaria à uma da manhã no seu lar. Ou, pelo menos, no seu domicílio.

Um imenso fresco da sociedade atual, pela pena do mais célebre escritor francês contemporâneo. Em primeiro plano, uma intriga de ação política, com laivos de espionagem. Abaixo da linha de água, uma história de família que nos transporta para o lugar mais íntimo.

Aniquilação projeta diante do leitor um futuro próximo, à luz melancólica do declínio do Ocidente, um dos grandes temas de Michel Houellebecq. O romance abre com uns bizarros vídeos que se tornaram virais *online* – num deles, o ministro da Economia francês é guilhotinado. Logo a seguir, há uma série de atentados terroristas. Estes acontecimentos lançam o alarme em França, onde decorre uma fervorosa campanha para as eleições presidenciais, na qual reconhecemos vários dos peões do jogo político europeu atual. Qualquer semelhança com pessoas reais é puramente deliberada.

O protagonista, Paul Raison, é uma personagem maior que a vida. Alto funcionário ministerial, aproxima-se dos cinquenta anos e acomodou-se à miséria afetiva e sexual. Prudence, a sua mulher, tornou-se vegana e adepta do Wicca, um movimento religioso neopagão. O casal vive num apartamento em Paris, onde se cruza cada vez menos.

É a partir deste cenário que *Aniquilação* entretece dois fios distintos – o público e o privado –, mostrando-se simultaneamente como *thriller* político e reflexão metafísica. Michel Houellebecq distancia-se aqui do niilismo de que tantas vezes o acusa. A partir de uma perspetiva tão sombria quanto humanista, a narrativa observa as convulsões da sociedade, os altos e baixos da condição humana, e perscruta o mistério do sentido da vida. Uma obra crepuscular e comovente, que permite entrever um raio de luz e esperança no futuro.



«Mais do que nunca, a escrita de Houellebecq procura fundar se não uma esperança, pelo menos novos valores. [...] Em pleno vigor das suas forças, propõe-nos uma moral que torna possível habitar o mundo e suportar a vida.»

Le Monde

«O romance mais delicado, mais melancólico e mais sensível de Houellebecq. Não se demorem a lê-lo.»

Charlie Hebdo



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
penguinlivros
alfaguaraeditora

ISBN 9789897845383



9 789897 845383 >